

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DO MURTAL (CASCAIS)

Paulo Rebelo / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Nuno Neto / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Raquel Santos / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende dar a conhecer de forma sucinta os materiais recolhidos na intervenção arqueológica de emergência efectuada no Povoado do Murtal, Cascais, em 2003 pela Câmara Municipal de Cascais.

ABSTRACT

This article aims to present in a brief way the materials collected in the emergency archaeological intervention performed in the Povoado do Murtal, Cascais, in 2003 by the municipality of Cascais.

INTRODUÇÃO

O povoado pré-histórico do Murtal localiza-se na encosta SO da povoação do Murtal, freguesia do Estoril, concelho de Cascais. Situa-se a cerca de 56m de altitude, encontrando-se a 700m para Sul a baía de S. Pedro do Estoril e a 400m para oeste a Ribeira de Caparide. A morfologia do terreno apresenta um declive algo acentuado do lado sul, virado ao mar. Este Povoado encontrava-se integrado na complexa rede de assentamentos neolítico-calcolíticos presentes no Concelho de Cascais. Num raio de 2km da estação do Murtal são conhecidos dez assentamentos com ocupação datável do III-IV milénio. É de destacar a existência de três complexos funerários: as grutas artificiais de Alapraia, S. Pedro do Estoril e Murtal (Figura 1). O povoado do Murtal foi descoberto em 1944 por Leonel Ribeiro, que o sondou tendo aí identificado fundos de cabana, apesar do seu elevado estado de destruição (Cardoso, 1991, p.64). Não obstante, o povoado é referenciado pela primeira vez por Afonso do Paço em 1955 (Paço, 1955). Em 1958 Eduardo P. Vicente e Eduardo da Cunha Serrão, aquando da publicação do estudo referente à estação pré-histórica da Parede, fazem nova referência ao povoado do Murtal, com apenas um breve comentário à descoberta e ao carácter inédito da estação (Vicente e Serrão, 1958, p.8). Na década de 70, J. P. Pereira, no III Congresso Nacional de Arqueologia, apresenta uma comunicação intitulada a “Estação

Pré-Histórica do Murtal”. Em 2005 os signatários do presente artigo apresentaram no Colóquio Internacional, Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: O 4º e o 3º Milénios a.n.e, decorrido em Cascais, um poster intitulado “O Povoado Pré-Histórico do Murtal – S. Pedro do Estoril, Cascais.

INTERVENÇÃO DE CAMPO

Encontrando-se destinado para a zona do povoado um projecto de construção civil, a Câmara Municipal de Cascais levou a cabo em 2003 trabalhos de acompanhamento arqueológico a fim de salvar guardados eventuais vestígios patrimoniais. Posteriormente, procedeu-se à abertura de duas sondagens de diagnóstico, de 4x4m. No decurso da escavação foi possível detectar a presença de 3 camadas naturais: Camada 1 – Sedimento argiloso de cor castanha clara, com materiais contemporâneos e pré-históricos; Camada 2 – Sedimento argiloso de cor castanha escura compacta, com materiais arqueológicos pré-históricos e contemporâneos; e Camada 3 – Sedimento argiloso de cor castanha alaranjada muito compacto sem materiais arqueológicos. As camadas 1 e 2 são constituídas por contextos revolidos, onde surgiram vários fragmentos cerâmicos, líticos e fauna pré-histórica, juntamente com fragmentos de cerâmica moderna e contemporânea, estes últimos em menor quantidade. A camada 3 refere-se ao substrato geológico.

CONJUNTO ARTEFACTUAL

Cerâmica

A análise dos recipientes cerâmicos incidiu sobre as suas características morfológicas e tecnológicas. Os critérios utilizados baseiam-se sobretudo nas propostas de análise desenvolvidas por Camps, (1979), Silva e Soares (1976-77) e Valera (1997).

O conjunto estudado é constituído por 2350 fragmentos. Identificaram-se tipologias em apenas 178 fragmentos (8%), o que é demonstrativo do elevado grau de fragmentação do conjunto.

As taças representam a forma que surge em maior número, destacando-se as de forma hemisférica com 39,3%, possuindo a grande maioria bordos simples (81,4%). As taças hemisféricas altas surgem em menor percentagem (12,9%), seguidas das taças hemisféricas rasas (5,6%) (Figura 2). As taças carenadas aparecem representadas em 9 exemplares (5%). Os esféricos são a segunda forma mais comum com 17,9% do total (Figura 3). Já os vasos representam 16,2% do conjunto cerâmico, sendo 14,6% de forma hemisférica. Os vasos troncocónicos atingem apenas os 1,6%. Os pratos (2,2%) e os copos (0,5%) são as formas que surgem com menor peso no conjunto estudado.

A análise do tratamento das superfícies revelou que a grande maioria dos recipientes tem superfícies afagadas (67%), seguindo-se as grosseiras (12%), as polidas (3%) e com engobe (0,5%).

Os dados obtidos referentes aos graus de rolamento mostram que os fragmentos cerâmicos rolados ou muito rolados chegam aos 51,3%, sendo os pouco rolados de 48,7%. Esta diferença mínima entre os índices de rolamento é demonstrativa do elevado grau de revolvimento dos contextos de superfície. No entanto, muitos dos materiais da camada 2 apresentam fracturas vivas, o que comprova que este contexto se encontra menos afectado.

O conjunto de fragmentos que apresentam decoração restringem-se a (0,8%), do total de fragmentos exumados na jazida do Murtal (2350 fragmentos). Com decoração denteada foi encontrado apenas um fragmento de taça hemisférica rasa (5%). A decoração deste fragmento foi obtida por intermédio de impressões sobre o lábio, de forma a prolongarem-se para a superfície interna. Em geral esta decoração denteada surge sobretudo associada a pequenas taças tendo surgido com alguma frequência na Península de Lisboa em sítios do IV milénio a.C. (Sousa, 1998, p.108) (Figura 4). Apenas foi detecta-

do um fragmento decorado com a técnica da “falsa folha de acácia” (5%), não sendo clara a orientação das incisões (Figura 5). Foi também recolhido um fragmento (5%) com decoração em boquique, cuja forma não nos foi possível determinar, devido ao seu elevado estado de fragmentação e rolamento (Figura 6). Um outro fragmento de dimensões muito reduzidas possui quatro pequenas impressões executadas com punção. Para além destes elementos registou-se a presença de três exemplares de cerâmica mamilonada (15%), sendo um de esférico com elemento de prensão sobre o bordo. No Baixo Tejo, os mamilos constituem um aplique plástico usado com grande frequência durante o Neolítico, sendo raros no Calcolítico e reaparecendo esporadicamente na Idade do Bronze (Carreira, 1994, p.61). Foram ainda recolhidos dois fragmentos que ostentam caneluras, um com canelura horizontal larga e profunda, obtida por punção rombo; outro, de taça hemisférica, com quatro caneluras finas horizontais na superfície externa. Com linhas incisivas por punção foram apenas recolhidos dois fragmentos, ambos de tipologia indeterminada: um com duas linhas incisivas muito finas na superfície exterior e outro com vários traços aleatórios. As caneluras que formam um padrão em triângulos aparecem representadas no interior de um prato com 30 cm de diâmetro (Figura 7). Este género de decoração é muito comum em camadas correspondentes ao Calcolítico Pleno, decorando potes, grandes recipientes esféricos e hemisféricos. Surge ainda um fragmento com decoração penteada na superfície exterior numa sequência de pontilhados impressos que formam uma linha ondulante. Para além destes foi ainda identificado um fragmento de parede decorado com um cordão plástico (5%), obtido por colagem após a peça estar concluída e 3 fragmentos com perfurações. Estas poderiam ter um carácter funcional, de reparação ou simplesmente decorativo. Para além destes elementos, foram recuperados no Povoado do Murtal quatro fragmentos de cerâmica campaniforme incisa. O único que nos permitiu obter a forma é de uma taça hemisférica, ostentando na superfície externa decoração formada por uma banda preenchida por linhas oblíquas (Figura 8). Um dos dois exemplares cuja forma não foi possível identificar possui decoração constituída por linhas horizontais e verticais, sendo o outro decorado com linhas horizontais quebradas por uma banda incisa sem se encontrar preenchida. O grupo inciso caracteriza-se pela uti-

lização da técnica de decoração incisa, por vezes a tender para a excisa. Surge em formas anteriormente utilizadas, como os vasos e caçoilas, embora apresentem características morfológicamente mais vincadas (Soares, 2003, p.108). Quanto aos motivos decorativos, estes atingem uma maior complexidade em padrões geométricos, como: bandas de xadrez, faixas de pequenos traços verticais e paralelos, e métopas. A decoração é altamente densa e “barroca” e a sua integração cronológica em relação ao momento anterior é por vezes de difícil contextualização. Desta forma, a cerâmica campaniforme incisa surge já no final do Calcolítico implantada em contextos abertos de grande aptidão agrícola. Exemplos destes pequenos “casais agrícolas” são sítios como Monte do Castelo (Oeiras), Alto do Montijo (Sintra), Malhadas (Palmela) (Cardoso, 2002, p.312) e Alto do Cidreira (Neto, Rebelo, Santos, 2009).

Pedra lascada

No que diz respeito ao estudo dos artefactos de pedra lascada, estes podem-se enquadrar em dois gru-

pos (Sousa, 1998, p.124): aqueles que possuem uma grande prevalência temporal, de que são exemplo as lâminas, lamelas, lascas, raspadores, etc; e algumas novidades típicas do IV e III milénios a.C., os designados foliáceos (“foicinhas” ovóides ou rectas, alabardas, punhais, pontas de seta de retoque invasor ou cobridor) (Carvalho, 1995/1996, pp. 41-59). O facto de não ter surgido no conjunto em análise qualquer artefacto integrado neste segundo grupo vem dificultar uma possível periodização cronológica e cultural do povoado do Murtal tendo por base uma análise do conjunto.

Em termos gerais, os artefactos em pedra lascada são 91, quase todos em sílex, excepto duas peças (2%): uma em quartzo e outra em quartzito, litologias de obtenção comum na região. Em termos de categorias tecno-tipológicas, destacam-se de uma forma clara os produtos de debitage (62,6%); os núcleos representam 7,7% do conjunto; enquanto os suportes possuem um peso de 7,5%, não se tendo recolhido nenhuma lasca como suporte. O grupo da utensilagem é composto por 20 peças (21,9%).

Tabela 1 – Inventário geral dos artefactos de pedra lascada.

<i>Tipo</i>	<i>Sílex</i>	<i>Quartzo</i>	<i>Quartzo hialino</i>	<i>Quartzito</i>	<i>Outras</i>	<i>Total</i>	<i>%</i>
Núcleos	6	1	0	0	0	7	7,7
Lascas	1	0	0	0	0	1	1,1
Lamelas	4	0	0	0	0	4	4,4
Lâminas	3	0	0	0	0	3	3,3
Prod.debitagem	57	0	0	0	0	57	62,6
Utensílios	18	0	0	1	0	19	20,8
Termoclastos	0	0	0	0	0	0	0
Total	89	1	0	1	0	91	100

No que diz respeito aos núcleos, a matéria-prima de eleição é o sílex, excepto num caso em que foi utilizado o quartzo. Tipologicamente, 3 enquadram-se como poliédricos e 4 de tipo piramidal, tendo por objectivo a obtenção de lamelas e lascas de pequenas dimensões. As peças tidas como suportes apresentam um peso reduzido na colecção, apenas 8,6%. É de sublinhar que a grande maioria são lâminas e lamelas, incluindo-se apenas uma lasca (1,1%). A grande maioria das lascas recolhidas possui dimensões diminutas entre 0,8cm e 3,9cm, sendo enquadradas como sub-produtos de talhe (62,6%). A utensilagem é composta por 19 peças (20,8%), 18

em sílex e uma em quartzito. O seu peso no conjunto é demonstrativo da sua relevância nas tarefas gerais do quotidiano do Povoado. Uma análise geral mostra que quase metade do conjunto é composto por lascas retocadas que surgem em número de 8 (42,1%). Já as lamelas (5,2%) e lâminas retocadas (21,0%) surgem com um peso inferior (Figura 9). Os furadores resumem-se a dois (10,5%), sendo ambos sobre lasca, um de tipo piriforme, com paralelos no Povoado do Estoril (Pereira, 1916; Gonçalves, Sousa, 2010) (Figura 10). As raspadeiras também são duas (10,5%), ambas sobre lasca. Foi ainda registada uma lasca com entalhe (5,2%).

No que se refere às dimensões do conjunto laminar observa-se que das doze peças, sete se encontravam fracturadas, encontrando-se inteiras apenas uma lâmina e 4 lamelas, optando-se por uma análise geral das larguras. O conjunto lamelar apresenta larguras entre 10 e 12mm, com apenas uma peça de largura inferior a 10mm. Já as lâminas possuem larguras entre os 15mm e os 21mm, registando-se uma lâmina com largura de 31mm.

Pedra Polida/Elementos de Moagem

Os artefactos em pedra polida exumados no povoado do Murtal são apenas três. Todos produzidos em rochas anfibólicas, dois encontram-se muito fragmentados. Identificou-se apenas um gume de machado, sem qualquer vestígios de uso, e uma lasca em anfibólito, possivelmente de um machado. O terceiro exemplar é um machado que apesar de fracturado sobre um dos flancos, apresenta polimento sobre o gume e bordos. De secção sub-rectangular, exhibe no gume ligeiros sinais de uso.

Foram ainda recolhidos três elementos de moagem, dois dormentes e um movente. São todos produzidos em arenito, encontrando-se fracturados. Os dormentes possuem picotados distintos, um apagado e outro circunscrito. Devido ao elevado grau de fragmentação não foi possível definir a sua forma.

CONCLUSÕES

Após a leitura dos dados disponíveis, resultantes não só da intervenção arqueológica como também da observação atenta da área envolvente onde se desenvolveria o sítio, concluímos que a constante actividade antrópica a que o local esteve sujeito terá destruído em boa parte o povoado, cujos reais limites e dimensões se desconhecem. Neste sentido, as informações estratigráficas obtidas com a abertura das sondagens arqueológicas não foram conclusivas, revelando que o substrato rochoso funcionou como uma barreira natural na retenção do espólio existente. Foi possível, por intermédio de uma análise essencialmente tipológica e decorativa dos artefactos exumados, verificar que o povoado pré-histórico do Murtal terá tido uma longa ocupação entre o Neolítico e o Calcolítico Final / Bronze Inicial.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Guilherme (1991), “Carta Arqueológica do Concelho de Cascais”, Câmara Municipal de Cascais;

CARDOSO, João Luís (1994), “Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras (número especial), Oeiras, pp.1-164;

CARDOSO, João Luís, CARREIRA, Júlio (1995), “O povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa). Resultados das escavações de 1988”, *Estudos arqueológicos de Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras, n.5, Oeiras, pp.277-298;

CARREIRA, Júlio (1994), “A pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior)”, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, n.º.2, Colibri, Lisboa, pp.47-144;

CARVALHO, António Faustino (1995/1996), “O talhe da pedra e a transição Neolítico – Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção”, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, n.º.3/4, Edições Colibri, Lisboa, pp.41-58;

GONÇALVES, Victor, SOUSA, Ana Catarina (2010), “O Povoado Calcolítico do Estoril, os seus furadores de sílex e os seus tempos” – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénio a.n.e.*, *Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005)*. Cascais, Câmara Municipal.

NETO, Nuno, REBELO, Paulo, SANTOS, Raquel (2009), “Dados Preliminares da Intervenção Arqueológica na ZEP da Villa Romana do Alto do Cidreira (Cascais)”, *Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português*, Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina (1976-77), “Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”, *Setúbal Arqueológica*, n.º.2-3, MAEDS, Setúbal, pp.179-272.

SOARES, Joaquina (2003), “Os HipoguesnsPré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela)”, *Museu de Arqueologia e Etnográfica do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal*, Setúbal.

SOUSA, Ana Catarina (1998), “O neolítico final e o calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros”, *Trabalhos de Arqueologia*, n.º.11, IPA, Lisboa, pp.15-275.

VALERA, António Carlos (1997), “O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da Calcolitização da Bacia do Alto Mondego”, Câmara Municipal de Fornos de Algodres, Lisboa.

VICENTE, Eduardo Prescott, SERRÃO, Eduardo da Cunha (1958), “Estação Eneolítica de Parede – Notícia do seu achado”, *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto.

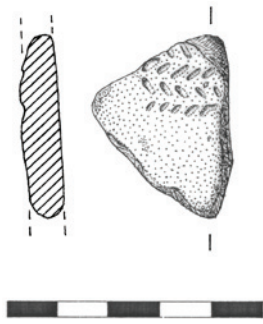


Figura 5 – Fragmento de cerâmica decorada com a técnica da “falsa folha de acácia”.

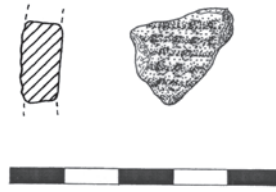


Figura 6 – Fragmento de cerâmica com decoração em boquique.

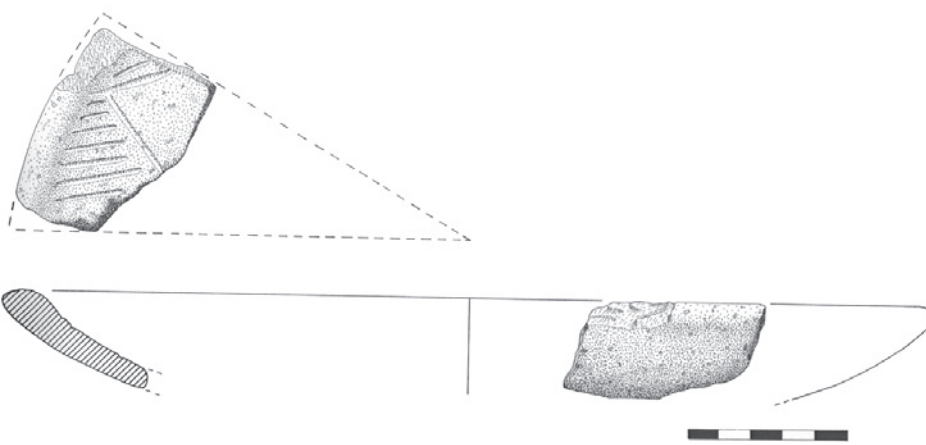


Figura 7 – Prato decorado com caneluras oblíquas pouco profundas, formando uma espécie de triângulo.

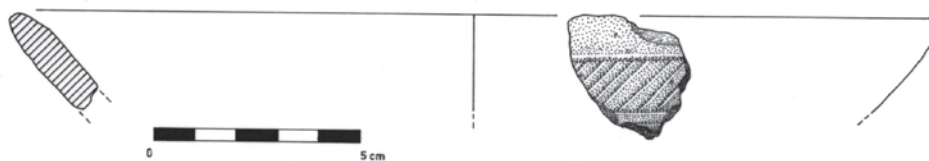


Figura 8 – Taça Hemisférica com decoração campaniforme incisa.

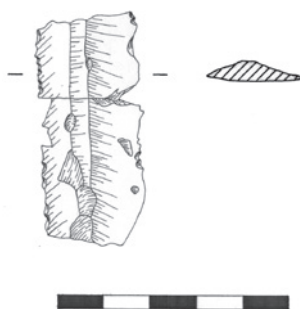
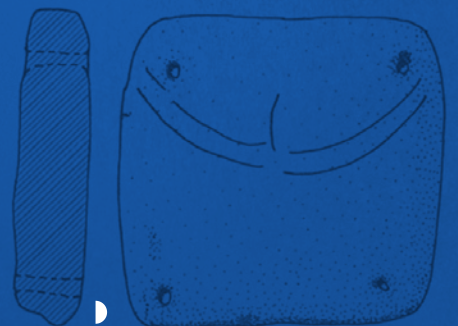
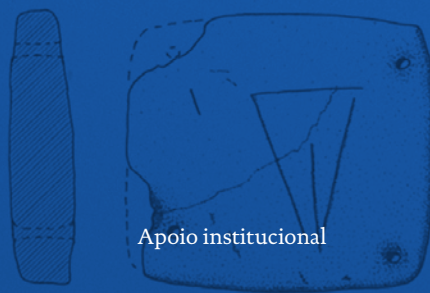
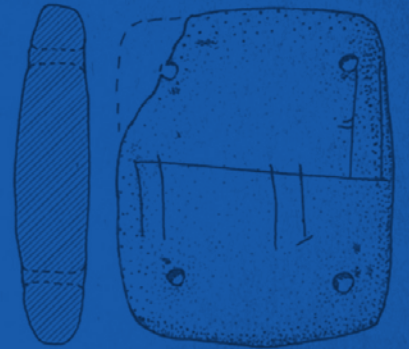
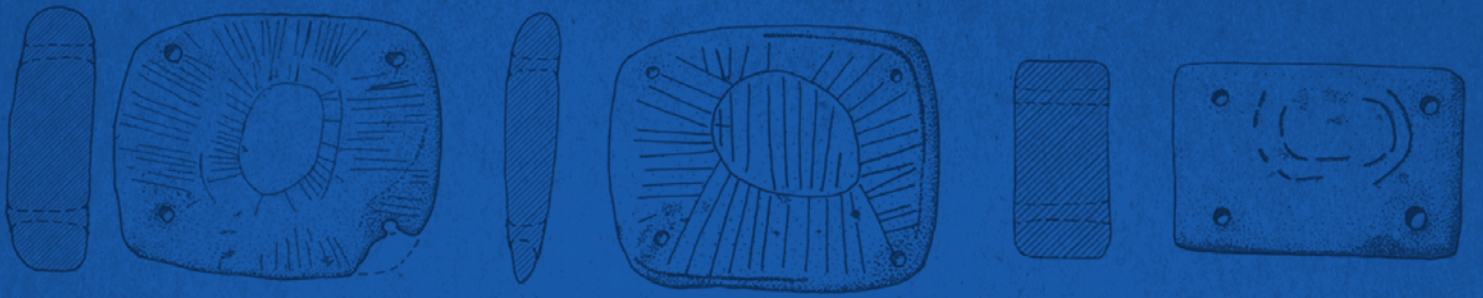
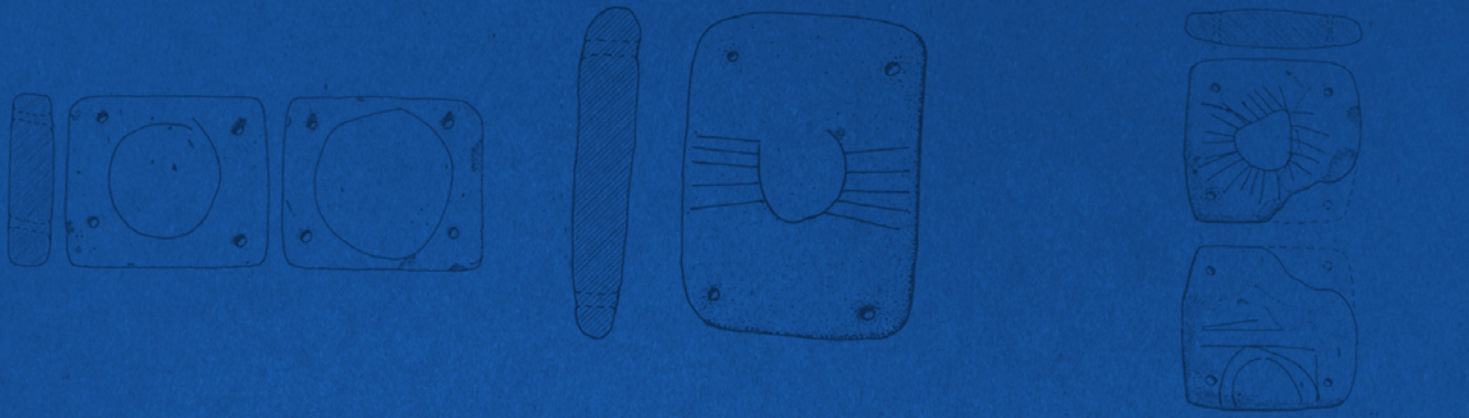


Figura 9 – Fragmento de Lâmina em sílex.



Figura 10 – Furador em sílex.



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua